



VOZ DA FÁTIMA

Como Maria, portadores da alegria e do amor: Louvai o Senhor, que levanta os fracos

EDITORIAL

São José: figura incontornável do acontecimento de Fátima

Pe. Carlos Cabecinhas

O Papa Francisco entendeu dedicar o presente ano à figura discreta de S. José, o esposo da Virgem Santa Maria e pai adotivo de Jesus. Há cerca de 150 anos, o Papa Pio XII tinha-o proclamado Padroeiro da Igreja Católica. Ora, S. José tem também presença na mensagem de Fátima e é isso que gostaria de destacar.

Os Evangelhos não nos dizem muito sobre S. José, mas a sua importância na história da salvação é inquestionável. Também a mensagem de Fátima não lhe faz referências frequentes, mas fala da sua presença num momento fundamental: no “milagre do sol”. Segundo o relato da Irmã Lúcia, nas suas Memórias, na aparição de Setembro Nossa Senhora prometeu aos Pastorzinhos: “Em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo”. No mês seguinte, no dia 13 de outubro de 1917, dá-se o famoso “milagre do sol” e, no relato que faz, a Irmã Lúcia diz: “Desaparecida Nossa Senhora, na imensa distância do firmamento, vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. S. José com o Menino pareciam abençoar o Mundo com uns gestos que faziam com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora... Nosso Senhor parecia abençoar o Mundo da mesma forma que S. José.” Aquilo que o relato da Irmã Lúcia põe em destaque é a bênção: S. José está em gesto de bênção sobre o mundo e a humanidade, imitando a atitude do Filho, Jesus Cristo, invocando sobre nós as bênçãos de Jesus Cristo e intercedendo por nós. A Bênção do alto é a bênção de Cristo ressuscitado. Mais ainda, Jesus é a bênção de Deus para cada um de nós (cf. Act 3, 26). S. José é o intercessor que pede a Jesus a sua bênção salvífica para nós; é o amparo nas horas de desânimo e tristeza.

Mas a figura de S. José é especialmente sugestiva para interpretarmos a mensagem de Fátima num outro aspeto: ele que era extremamente discreto, foi escolhido por Deus para a mais bela e importante missão que lhe podia ser confiada. Esta é a forma de atuar de Deus: escolhe os frágeis para o cumprimento da sua missão. O Papa Francisco, na Carta Apostólica *Patris Corde* (8 de dezembro de 2020) descreve S. José como “o homem que passa despercebido, o homem da presença quotidiana discreta e escondida”, para concluir: “São José lembra-nos que todos aqueles que estão, aparentemente, escondidos ou em segundo plano, têm um protagonismo sem paralelo na história da salvação”. Estas palavras levam-nos, de imediato, a pensar nos Pastorzinhos de Fátima, também eles figuras discretas, a quem Deus confia, por meio de Maria, a sua mensagem para um mundo ferido. Eles souberam ser fiéis imitadores de S. José.

Para os devotos de Fátima, S. José é figura incontornável: é intercessor, que invoca sobre nós as bênçãos de Jesus, o Salvador; é modelo da fidelidade a Deus e à sua vontade e de inabalável confiança em Deus. Neste ano que lhe é especialmente dedicado, invoquemos a sua poderosa intercessão pela Igreja e por todos nós.

“Somos apenas 200, mas é toda a cidade de Roma que peregrina à Cova da Iria e se confia a Nossa Senhora de Fátima”

Cardeal-Vigário da diocese de Roma preside pela primeira vez à peregrinação diocesana na Cova da Iria, uma peregrinação que assinala o regresso dos grupos italianos organizados pela Opera Romana Pelligrinaggi.

Carmo Rodeia



Visitar Fátima, sobretudo num tempo difícil como o que o mundo atravessa é para os cristãos em geral e para os romanos em particular um momento de acolher o “essencial da vida cristã” afirmou em declarações à *Voz da Fátima* o cardeal-vigário da diocese de Roma, numa entrevista concedida no âmbito da primeira peregrinação diocesana de Roma a Fátima, depois do início da pandemia provocada pelo Covid-19.

“Esta peregrinação é um dom da gratuidade de Deus e a expectativa é a de acolher esta mensagem essencial: penitência, oração e conversão. É uma mensagem atualíssima que neste tempo difícil faz-nos todo o sentido” referiu D. Angelo de Donatis.

“Aqui em Fátima, Nossa Senhora mostrou que em tempo de dificuldades temos sempre o consolo do Céu. Este é um tempo de dificuldade. Eu próprio já o experimentei e sei como esta certeza é reconfortante e nos dá esperança. Apesar dos nossos li-

mites, da nossa condição, temos sempre o Céu”, acrescentou.

“É esta oferta que Nossa Senhora fez e continua a fazer todos os dias, daí a atualidade da mensagem de Fátima”, afirmou ainda.

Embora tivesse um programa próprio, com missas, catequeses e momentos de oração em vários espaços do Santuário, transmitidos em direto pelos meios de comunicação social italianos e pelos meios digitais, numa parceria com o santuário a Canção Nova, a EWTN e a Telepace, o grupo de 200 peregrinos italianos participou na missa internacional no recinto de oração, no último domingo de agosto, um mês que registou um incremento significativo de peregrinos em Fátima, sobretudo peregrinos internacionais, com mais grupos organizados.

Na homilia, proferida em português na missa dominical, celebrada entre outros pelo Cardeal D. António Marto, o prelado italiano assinalou o propósito

desta peregrinação: “Estamos aqui em Fátima para nos deixar iluminar”.

“Estarmos aqui hoje em Fátima é para nós um presente”.

A propósito do sentido da peregrinação, lembrou com gratidão, “a beleza de guiar um povo que está em caminho” e que, na abertura de mais um ano pastoral “vem a Fátima confiar os seus projetos e a sua missão à Mãe, a Nossa Senhora”.

“Trazemos aqui todos os nossos anseios e confiamos-nos à Mãe de Jesus que é também nossa Mãe”, disse.

E, concluiu: “Fátima é um dom para nós: aqui deixamo-nos tocar pelo Criador da luz, colocando-nos sob à proteção da Virgem Mãe, pedindo-Lhes que nos mostrem Jesus. E assim voltaremos para as nossas casas e para a nossa vida quotidiana, iluminados, curados e salvos pelo Único que, neste recomeço de ano e para todo o tempo que nos é dado viver, pode nos dar um coração novo”.

O “trono” terreno da Imagem de Nossa Senhora de Fátima

Em cem anos, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera na capelinha das Aparições apenas conheceu dois andores: um estrado em 1933 e outro em 2018. Ornamentá-lo e transportá-lo são duas missões cobiçadas, embora nem todos o consigam fazer. Nesta edição, procuramos fazer a história dos dois andores que servem a Imagem mais icónica de Portugal ao mesmo tempo que mostramos alguns dos rostos que, mês após mês, sobretudo de maio a outubro, se encarregam de o trazer ao recinto de oração.

Carmo Rodeia

O novo andor, no qual é transportada a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que se venera na Capelinha das Aparições, completou quatro anos em agosto de 2021. E embora muito diferente do anterior, obedece a uma iconografia própria centrada nos detalhes da mensagem de Fátima.

Estreado na Procissão das Velas de 12 de agosto de 2018, o novo andor resulta do trabalho da escultora Sílvia Patrício, do arquiteto Eusébio Calvário e do historiador Marco Daniel Duarte.

A parte da frente é composta por uma cruz de Cristo texturizada de carvalho e coroada por rosas e folhagens. A cruz na frente remete-nos para a abertura de um caminho e alude à cruz – coroada de rosas e folhas – descrita na terceira parte do Segredo de Fátima. Esta encontra-se ladeada pelos painéis laterais que se inscrevem na pomba da paz que transporta o ramo de oliveira, sobre um pedaço de azinheira.

Na parte de trás, para encerrar o andor, no plano central há um coração que carrega o tojo, símbolo da dor e amor de Maria.

As quatro colunas laterais unem os painéis com a representação em baixo-relevo de uma cruz/sol num convite à comunhão e na parte superior das colunas estão três rosas uma por cada pastorinho.

Cada painel contém, ainda, uma estrela representando a mensagem que Maria leva aos quatro cantos do mundo. As esferas que embainham o andor representam o diálogo interno



Antigo andor de Nossa Senhora, utilizado até 2018.

do peregrino aos céus.

As esferas, que simbolizam as contas do rosário, estão presentes nos painéis em números representativos de datas: 13 unidades nas laterais, alusivas ao dia em que Maria apareceu; 7 no painel frontal, alusivas ao ano de 1917 e 5 no painel posterior, alusivas ao mês de maio.

O andor é de madeira de cedro do Brasil; é revestido a folha de ouro fino, que remete também para a tradição; os altos relevos são de bronze e para o seu transporte foram pensadas duas varas

de madeira de sucupira, rematadas por rosas em bronze.

Na parte inferior de cada coluna o andor tem alcachofras, numa referência ao andor histórico que foi musealizado.

85 anos ao serviço

Estreado a 13 de maio de 1933, o mais icónico andor transportou a imagem de Nossa Senhora durante 85 anos.

No dia 13 de junho de 1933, o andor era mencionado na crónica do Visconde de Montelo (Cónego Manuel Nunes Formigão)

na Voz da Fátima, que o descrevia como “opulento”, “riquíssimo” e “sumptuoso”.

De autor desconhecido e de madeira, em talha dourada, era notícia pela sua dimensão que convocaria sempre um alargado número de pessoas para o seu transporte: de seis a oito indivíduos.

De madeira entalhada revestida de folha de ouro, a peça, de formato retangular, mostrava-se uma imponente estrutura ornada com elementos bebidos da gramática rocaille.

Os painéis frontal e posterior mostravam-se ornados, ao centro, pelo monograma da Virgem Maria, inscrito numa tarja, enquadrado por enrolamentos de folhas de acanto e concheados, entre frisos de gomos, motivos decorativos repetidos nos painéis laterais, como descreve um texto publicado no Catálogo da Exposição temporária do Santuário de Fátima, “Vestida de Branco”.

E prossegue: nos quatro cantos, saliente, de base perlada, as faces laterais mostravam-se ornamentadas por folhas cobertas por perlados, enquanto as faces inferiores apresentavam-se decoradas com túrgidas alcachofras, verticalmente alinhadas com os vasos de formato campanular dispostos sobre as faces superiores, assentes sobre base quadrada com quatro pés, decorados por folhas de acanto, estrias e contas esféricas, dispostas sobre o bordo.

O andor dispunha de quatro

estruturas metálicas na zona inferior para colocação dos varais de madeira para o transporte, ornados nas extremidades por elementos de bronze.

Com o avançar do tempo, afezriu ainda de uma estrutura metálica de forma trapezoidal, que ocultava a peanha da escultura, servindo a função de suporte dos arranjos de flores que recobriam o andor, assim como de estruturas metálicas junto aos vasos, de modo a sustentar os holofotes de iluminação da Imagem.

No dia 17 de maio de 1959, o andor ultrapassou o perímetro do Santuário de Fátima, acompanhando a Imagem da Capelinha das Aparições na inauguração do santuário do Cristo Rei, em Almada.



A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Nº de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

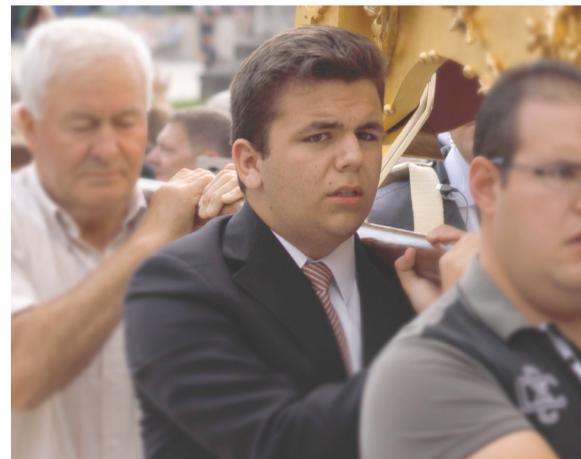
Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga





“Um grande comprometimento”

Hugo Tomás Fernandes, 20 anos, aluno do curso de Estudos Europeus na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem na memória a primeira vez que levou o andor de Nossa Senhora de Fátima, a 12 de junho de 2016, após um convite.

“Estava nervoso, ciente da responsabilidade que me esperava”, confessa este escuteiro e acólito na Igreja de S.Tomás de Aquino, em Lisboa.

“Quando se transporta Nossa Senhora, é um grande comprometimento por estar a transportar um ícone marianos mais importantes do mundo, que apesar dos 19 kg tem um peso extraordinário”, disse ao jornal *Voz da Fátima*.

Quando regressa a casa no final da peregrinação, “pedem-me essencialmente para eu trazer uma flor do andor de Nossa Senhora, mas a primeira flor é sempre para a minha mãe”, conta ainda.



“Uma alegria imensa”

Otilia Vieira, é funcionária do Santuário de Fátima há cerca de 43 anos. Atualmente ornamenta não só os altares, bem como os andores, juntamente com uma equipa do Departamento de Liturgia. “Lembro-me que comecei, porque na altura quem adornava o andor, partiu uma mão, e precisou de ajuda, e passaram-se mais de vinte anos”, disse, assegurando que gosta muito do que faz.

Atualmente os andores são ornamentados essencialmente com flores oferecidas pelos peregrinos. “Essas dádivas permitem decorar e ir renovando, e variamos consoante o que está disponível, mas tentamos que seja sempre diferente em conformidade com a altura do ano, porque há flores que aguentam mais em determinada altura”, explica Otilia.

As cores passam são essencialmente brancas, com alguns apontamentos de cor, regra que se mantém em todos os andores.

“Enfeitar o andor antigo, dava mais trabalho porque levava mais flores, mas era ornamentado com a mesma devoção, e nunca pensei na minha vida ter esta função, é uma alegria imensa”, conclui.



“Uma honra”

Guilhermino Santos, é voluntário no Santuário desde 1994, consequência de uma “promessa a Nossa Senhora de Fátima, em que pedi para levar o andor de Nossa Senhora, mas foi me pedido que transportasse a Cruz que vai diante da procissão”. O convite para integrar a equipa de voluntários surgiu naturalmente, e desde então foram centenas de vezes aquelas que já carregou o andor de Nossa Senhora, e já ajudou a carregar.

“É uma honra, poder ajudar desta forma e estar ao serviço dos peregrinos”, diz este voluntário que durante a sua vida foi electricista da CP – Comboios de Portugal, natural das Colmeias, mas a viver em Santiago de Litém, Pombal.

É comum entre a assembleia ser abordado por alguém que gostaria de levar o andor, mas em outras ocasiões é preciso ir à procura, “é uma grande responsabilidade”, conta, no entanto “enquanto eu tiver saúde, estarei sempre ao serviço de Nossa Senhora”.

Cruz de Cristo, que remete para a abertura de um caminho e alude à cruz, descrita na terceira parte do Segredo de Fátima. **1**

Três rosas, uma por cada pastorinho. **2**

Cruz/sol, num convite à comunhão **3**

Quatro estrelas, representando a mensagem que Maria leva aos quatro cantos do mundo **4**

Esferas, que simbolizam as contas do rosário **5**

Pomba da paz, que transporta o ramo de oliveira, sobre um pedaço de azinheira **6**

Coração que carrega o tojo, símbolo da dor e amor de Maria **7**

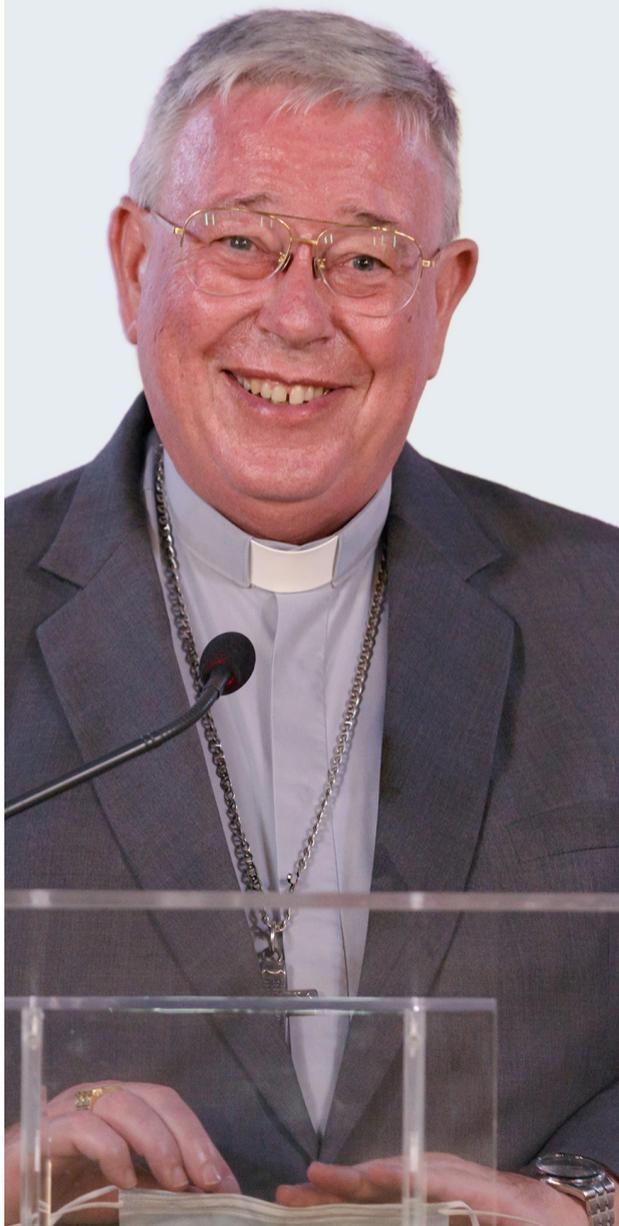
Coroa de rosas e folhagens **8**

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

**D.Jean-Claude
Hollerich**

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“Ver neste mundo o Céu aberto que Fátima propõe, ter um pouco acesso a esta luz do Céu, a esta luz divina, dá-nos a paz do coração, da alma, para nos envolver neste mundo, para que cada um viva a sua missão.”



Fátima “é o Céu aberto, uma luz num mundo de trevas”

Aos 63 anos de idade, o cardeal arcebispo do Luxemburgo é um profundo admirador da Igreja Portuguesa e um conhecedor da emigração portuguesa não só no Luxemburgo mas também na Europa em geral. O prelado é o convidado do podcast #fatimanoseculoXXI, onde também fala de Fátima e da proposta que é feita na Cova da Iria, através da mensagem deixada por Nossa Senhora para o regresso de uma humanidade ferida ao essencial.

Carmo Rodeia

“Pessoalmente, sempre vivi Fátima como a abertura do Céu, uma luz, diria, num mundo das trevas. Creio que o nosso mundo precisa disto”, começa por afirmar o arcebispo Jean-Claude Hollerich numa conversa de meia hora, da qual resulta o podcast #fatimanoseculoXXI de setembro, disponível em www.fatima.pt/podcast e também no iTunes e no Spotify.

“O mundo afunda-se, por vezes, em todas as dificuldades. Se olharmos para as notícias, todas as noites, fala-se de morte, de desolação, etc. Diria mesmo: o mundo está em pé de guerra. Há tantas pessoas que sofrem em guerras, em conflitos” evidencia salientando que a virtude da mensagem de Fátima é o facto de Nossa Senhora ter colocado “o dedo na ferida”, isto é, “temos de ter paz e isso só se consegue se nos comportarmos como irmãos, com fraternidade”.

“Creio que em primeiro lugar o facto de Nossa Senhora se ter dirigido aos três Pastorinhos é algo de maravilhoso”, pois “mostra que o amor de Deus é para os mais pequenos, os mais pobres”.

Por outro lado, “Nossa Senhora não apareceu em nenhum centro de poder económico ou político, mas numa região bem pobre na época, a crianças que não tinham nenhum poder”, mas “tinham um coração capaz de compreender a mensagem”.

“Ficaria feliz se pudéssemos ter o mesmo coração para compreender esta mensagem, que é precisamente uma mensagem universal. A universalidade da fraternidade é uma resposta a esta mensagem universal”, desenvolve o prelado.

“Nossa Senhora apenas veio repetir a mensagem de Jesus, a mensagem da fé. O Papa lembrou-nos também que somos todos irmãos, por isso devemos viver como tal. Devemos viver como irmãos, por exemplo na utilização dos recursos da terra de forma que as gerações futuras possam viver com alegria nesta terra como fazemos agora”, acrescenta.

“Ver neste mundo o Céu aberto que Fátima propõe, ter um pouco acesso a esta luz do Céu, a esta luz divina, dá-nos a paz do coração, da alma, para nos envolver neste mundo, para que cada um viva a sua missão”, adianta o cardeal.

“Eu gosto de Fátima. Como já disse, é o Céu aberto. Por vezes também na vida de um bispo temos muitas

preocupações, muitas reuniões, e é preciso voltar ao essencial. Fátima é o regresso ao essencial”, confidencia num registo mais pessoal.

“Não acredito que possamos resolver todos os problemas deste mundo; mas se vivermos esta partilha, este amor, com as pessoas que nos rodeiam, o mundo mudará”, afirma.

“Um homem, uma mulher que reza, que tem uma relação com Deus, tem a coragem, a inteligência e a esperança de trabalhar para um mundo novo e melhor”, diz.

“É verdade que a oração não é tudo; mas sem a oração tudo é nada. Porque a oração abre-nos a Deus, à realidade de Deus e ao amor de Deus. A nossa oração tem sempre um efeito no coração. E é talvez do que mais precisamos: que o nosso coração possa mudar”, afirma ainda. Por isso, “é preciso rezar, é preciso rezar como a Jacinta, com um coração simples, estar aberto à Deus, e rezar pelos outros; não por si, não para ter um carro melhor, etc., mas rezar pelos outros; porque a Jacinta sentia a dor das almas perdidas”, diz.

“Temos de rezar pelos líderes europeus para que se abram à pobreza, porque hoje temos todos a tentação de pensar que vivemos numa pequena comunidade, com pessoas que pensam como nós, e já não vemos o mal que existe, já não conseguimos ver a pobreza, a miséria”.

“É preciso rezar muito pelos políticos!” conclui.

“Há muitos portugueses no Luxemburgo. Nem todos são fervorosos frequentadores da missa e da Igreja, mas os que são, são-no de forma admirável. Comprometem-se verdadeiramente. Penso que todos estes migrantes têm como que uma honestidade no coração”, adianta, por outro lado, sublinhando a legítima aspiração dos migrantes a uma vida melhor.

“Querem ter uma vida boa. Do ponto de vista material naturalmente, mas não apenas do ponto de vista material; querem uma vida boa e moral. Sempre me tocou a profunda moralidade nas famílias portuguesas. Não é uma moralidade estreita, porque podemos ser morais de tal forma que todas as pessoas querem sair donde estamos, mas antes uma moralidade natural que é necessária para que a vida possa ser um sucesso. Encontrei isto nas famílias portuguesas e admiro muito este aspecto”,

afirmou.

“Sinto-me mais rico, como luxemburguês, porque existem os nossos amigos portugueses. É preciso continuar; apercebemo-nos de que somos uma grande família humana e que as características nacionais, que são diferentes, manifestam todas a beleza e a grandeza do espírito e do coração do nosso Criador”.

“A Europa não poderá acolher todos aqueles que querem vir. É preciso estabelecer políticas para que as pessoas permaneçam nos seus países e possam ter uma vida boa nos seus países. Mas os que são perseguidos, temos o dever sagrado de os acolher”, afirma o cardeal Hollerich, presidente da Conferência das Comissões Episcopais Europeias.

“Creio que as dificuldades da integração são sentidas pelas pessoas que não têm contacto com os refugiados (...) Penso que falamos demais por vezes, nos meios intelectuais, etc.: a integração acontece pelas pessoas quando trabalham juntas. Ficamos então curiosos e a maneira de viver ou a religião diferente do meu colega de trabalho é algo que aceito e que me interessa. Devemos olhar para esse nível verdadeiramente humano”.

“Um cristão não é em primeiro lugar alguém que acredita em coisas que não podemos provar – a fé não é isto – mas alguém que segue Jesus, que escuta a sua Palavra, que tenta pô-la em prática na sua vida”.

“A Igreja tem uma grande responsabilidade no mundo. E, como Igreja, devemos caminhar juntos; o processo sinodal é isto e exige uma grande escuta. O caminho sinodal não é possível sem a escuta. A escuta pressupõe respeito pelo outro, reconhecer e aceitar as diferenças que existem, não querer forçar algo”.

“Sabemos que o Papa Francisco tem inimigos, mas o Papa Francisco proclama o Evangelho; assim, podemos dizer que são inimigos do Evangelho e querer um cristianismo sem Evangelho, não, não funciona assim”, afirma, ainda a propósito do caminho sinodal proposto pelo Papa Francisco.

“Penso que o caminho que o Papa indica para a Igreja é o único possível. É um caminho que se percorre com humildade, juntos, e no qual o homem, a mulher, está sempre no centro, então não há lugar para fundamentalismos”.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Artur de Oliveira Santos



Artur de Oliveira Santos foi um dos principais opositores de Fátima. Jornalista e republicano laico, assumiu o cargo de administrador do concelho de Ourém em 1915. Num esforço de conter as multidões que as aparições de 1917 traziam à Cova da Iria, resolve levar as três crianças videntes para um interrogatório em pleno dia 13 de setembro.

Diogo Carvalho Alves

O acontecimento de Fátima não pode ser contado apenas pelas vidas daqueles que lhe foram favoráveis. Os que se lhe opuseram também participam da sua história e são protagonistas incontornáveis de Fátima. É o caso de Artur de Oliveira Santos, que, à data das aparições, ocupava o cargo de administrador do então concelho de Vila Nova de Ourém, função que desempenhou entre maio de 1915 a dezembro de 1917 e, mais tarde, nos anos de 1919, 1922 e 1924.

Republicano laico, com ligações à maçonaria e à carbonária, é devido às suas suspeições, alimentadas por uma militância anti-clerical, que a aparição de agosto não acontece no lugar e

na data prevista, mas seis dias depois, por este ter levado os videntes para Ourém, onde os manteve retidos durante três dias para um interrogatório.

“Exercia eu então o cargo de Administrador do Concelho e na madrugada do referido dia 13, tendo deixado de prevenção uma força da G.N.R. na sede do concelho, dirijo-me em companhia do oficial da Administração Candido Alho à povoação de Aljustrel, no intuito de trazer as três protagonistas para esta vila, afim de evitar a continuação da especulação clerical que, em torno delas, se estava fazendo”, descreve o próprio, num relatório que envia em 1924 ao governador civil de Santarém.

José Manuel Poças das Neves,

investigadores da vida deste político, coloca a hipótese de Artur de Oliveira Santos ter encetado a ação de levar as crianças para um interrogatório em pleno dia 13 por não ter percebido então a verdadeira dimensão do acontecimento de Fátima, acreditando que bastava afastar os videntes da Cova da Iria para colocar fim às romarias que tomavam proporções cada vez maiores.

Nos anos que se seguiram às aparições, Artur de Oliveira Santos manteve uma acérrima ação contra a dinâmica crescente que Fátima foi assumindo, até à queda da Primeira República, quando se vê forçado a exilar-se em Espanha. Regressa depois a Portugal, onde viria a falecer em 1955, com 71 anos.

A PEÇA DO MÊS

MSE, inv. n.º 137-OUR.II.64 | Século XVII

Liga metálica batida, fundida, incisa, puncionada, recortada, soldada e banhada de ouro; papel pintado; tecido e vidro (relicário); osso e tecido (reliquias)

11,3 x 8 x 2,4 cm; 208,89 g



Relicário de suspensão

O cuidado para com a memória de determinadas figuras (familiares, históricas e até lendárias) pauta a História da Humanidade, ao que não é exceção o caso específico do Cristianismo, em que a veneração prestada às relíquias dos santos começa a assumir as características que hoje conhecemos a partir do século III. O surgir das igrejas protestantes, no século XVI, contrárias a este tipo de culto, levou a um renovado interesse dos católicos pelas veneras dos santos, sendo no rescaldo destes acontecimentos que foi produzido o relicário de suspensão doado ao Santuário de Fátima em agosto de 1977 pelo P. Franz Feyertag (1895-1977).

A peça constitui-se por um medalhão oval em que se dispõem, numa das faces, uma pequena pintura de Santo António e, na outra, nove alvéolos com relíquias de: Santo Lenho e Agnus Dei, São Sebastião, São Francisco, Santa Ágata, São Lourenço, São Clemente, Santo Estêvão, Santa Margarida e São Domingos. Dois volantes ocultam cada um destes elementos, no primeiro caso, ornado pela figuração da Virgem com o Menino, no segundo, pela de São João Batista, ambos incisos e de notáveis qualidades técnicas. Pelo contrário, as figuras das faces interiores destes volantes foram toscamente cinzeladas, encontrando-se, no primeiro, a Estigmatização de São Francisco, no segundo, São Lourenço.

Apesar de desconhecermos a tradição custodial da peça, tanto as imagens incisivas como algumas das relíquias custodiadas apontam para que o seu primeiro proprietário seja alguém próximo da esfera devocional franciscana. Do mesmo modo se intui, pelo número de veneras preservadas, que a sua produção seja indissociável das volumosas coleções de relíquias que se reuniram na sequência da Reforma Protestante.

Museu do Santuário de Fátima

Lápides evocativas da Coroação e do Ano Santo na Basílica de Nossa Senhora do Rosário

A ladear o arco triunfal que abre a capela-mor da Basílica de Nossa Senhora do Rosário encontram-se duas lápides de grandes dimensões (200 x 100 x 7,5 cm) feitas de tábua de mármore branco e ali colocadas em 1946 e em 1951. Entre as diferentes inscrições desta natureza que a basílica apresenta, são estas as mais solenes, porquanto são efetivas memórias de acontecimentos muito importantes para o Santuário de Fátima que, consciente da sua projeção internacional, fez questão de assinalar, de forma perene, as suas primeiras institucionais relações com a Santa Sé, o que fica claramente notado pelas armas de Pio XII solenemente expostas na parte superior das memórias. As lápides têm configurações similares, o que as torna quase gémeas, ainda

que se note maior cuidado nos elementos da composição gráfica da primeira lápide colocada.

No lado da Epístola encontra-se a placa evocativa da coroação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima feita por Pio XII através do seu Legado ‘a latere’, Aloisi Masella, cujo nome se encontra inscrito no texto, em latim, que lembra o dia solene da aposição da coroa de ouro e gemas sobre a Imagem da Rainha do Céu. A memória deixa ainda exarado os nomes dos que assistiram ao ato, a começar pelo Patriarca de Lisboa, pelo Bispo de Leiria e restante episcopado e pelos os incontáveis peregrinos, sendo curiosa a inserção do nome do Presidente da República que as fontes da época não informam ter estado presente.

FÁTIMA AO PORMENOR

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

No lado do Evangelho foi suspensa a lápide sobre o encerramento do Ano Santo, em 1951, que, de forma extraordinária, ocorreu em Fátima por determinação de Pio XII, igualmente lembrado na placa que também abre com as suas armas, como os restantes elementos metálicos, em cobre dourado. O texto refere-se a outros acontecimentos que envolveram representação oficial do Papa, como o Congresso sobre Fátima realizado em Lisboa, a celebração eucarística em rito bizantino e a rádio-mensagem do Papa. Além do nome do Cardeal legado, Federico Tedeschi, assentam-se outros nomes de dignitários da Igreja portuguesa, e não só, e, ainda, do Presidente da República, Craveiro Lopes.



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

No seu livro *A peste*, publicado em 1947, Albert Camus faz a crónica ficcional de uma cidade argelina submetida a um confinamento geral devido a um surto de peste que rapidamente se espalha pelos bairros. A cidade é metida numa redoma, cortada do mundo: ninguém pode entrar ou sair dela e, mesmo se de início a vida manteve a aparência de uma certa normalidade, cedo começa a ser necessário raciocinar os bens essenciais e todos os sentimentos humanos são então convocados para a praça pública. Num ápice, aquele episódio, menos passageiro do que o esperado, torna-se ocasião de questionar o que de facto significa ser humano. É inacreditável o quanto este conto fala à atualidade. Recordo particularmente uma das personagens secundárias da obra, Raymond Rambert,

Finalmente, a liberdade

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

O que é a liberdade?

um jornalista parisiense que se encontra na cidade para uma reportagem ocasional sem grande relevância e que não consegue escapar a tempo do confinamento imposto. Rambert é o espelho em que vemos jogar a nossa liberdade. Apaixonado por uma mulher em Paris, não vê a hora de se evadir dali e por três vezes chega a combinar a fuga pelas rotas do contrabando. Mas na hora decisiva, quando à terceira tentativa se tornara possível fugir, decide ficar e voluntaria-se para a inglória tarefa de tratar os doentes e enterrar os mortos.

O que é a liberdade nestes dias em que uns a evocam por se sentirem aprisionados pelas leis que uma epidemia gerou e outros por ela suspiram porque tardam a ser atingidas taxas suficientes de inoculação? De que liberdade falamos, entre taxas e leis e gráficos que poucos compreendem, entre números atirados como pedras de arremesso e opiniões mais ou menos científicas, mais ou menos técnicas, numa praça pública que é menos palco de de-

bate do que de batalha campal.

Talvez possamos aprender o que ela é com a figura de um homem em agonia, Jesus Cristo, consciente de que a sua morte violenta o espera ao virar da esquina, e que ainda assim decide tomar esta decisão e oferecer-se a esta morte, mesmo sem o desejar? Esta simples descrição já parece demasiado contraditória para aceitar que esta se trata de uma história sobre a liberdade: entregar-se voluntariamente a uma morte que não se quer é um paradoxo ético que roça o absurdo. Mas o Getsémani é uma história de liberdade porque, acima de tudo, é uma história de verdade. É a história em que o homem que tinha tudo para fazer da sua autonomia um valor absoluto é confrontado com algo muito mais fundamental e incompatível com a presunção de se fazer um *self-made-man*: um jeito de ser próprio de quem é filho de Deus. A história do Getsémani é, por isso, uma história com interesse para os nossos ouvidos habituados a considerar

como valor ético primordial ou mesmo único a autonomia inviolável da vontade pessoal, o direito de decidirmos com total independência o que devemos acreditar, querer, necessitar, possuir ou servir.

Demasiadas vezes confundimos liberdade e autonomia. A verdade é que o *self-made-man* não sobrevive ao Getsémani. Ele afunda-se no vazio da sua autonomia e na prisão do seu desejo. O que isto significa é que temos de aprender o que significa liberdade. E aprendê-lo de Deus. A liberdade que o homem recebe de Deus é a liberdade do próprio Deus. É isto que permite a passagem da liberdade-como-possibilidade-infinita-de-escolhas para a liberdade-como-condição-existencial, ou seja, para a liberdade como situação em que o homem chega a assumir a verdade de toda a sua existência, a sua vocação primordial. Mas aprender a verdade que liberta implica renunciar à tentação de se criar, de se fazer juiz, de se justificar, de ser um *self-made-man* e um *one-man-show*.



Foto: © Snapwire @ Pexels



OPINIÃO

Maria João Ataíde

A meteorologia dos meses de verão em 2021 foi estranha, incerta e muitas vezes em Julho e Agosto mais parecia tempo de outono; assistimos a fenómenos extremos, o que não impede que Setembro seja doce e dourado como os cachos de uvas que roubamos nas vindimas. Como já aqui denunciámos, os cientistas afirmam que as alterações climáticas estão na origem dos desastres naturais ocorridos, como chuvas torrenciais na Alemanha e na Bélgica e temperaturas altíssimas na Grécia e na Turquia que provocaram incêndios devastadores.

Há uma máxima que muitas vezes recordo: *Deus perdoa sempre, o homem perdoa às vezes, a natureza não perdoa nunca...*

Vamos juntos

Pedagoga

A autora escreve segundo a antiga ortografia

Reverendo esses meses que parecem ter voado, destaco a vivência dos Jogos Olímpicos, com os êxitos e os fracassos que diariamente encheram os noticiários; mas gostei particularmente de saber que desde 2016 existe uma Equipa Olímpica de Refugiados (ver foto), criada pelo Comité Olímpico Internacional com o intuito de assegurar a desportistas sem suporte dos seus países de origem participação plena nos Jogos. Foi aliás o que sucedeu com Pedro Pablo Pichardo, refugiado cubano que encontrou em Portugal o acolhimento e as condições necessárias para seguir a vocação de atleta, e que conquistou nestes Jogos a medalha de ouro no triplo salto, já como português, uma vez que se naturalizou em 2017. Aliás, foi ele o porta-estandarte da delegação portuguesa, na cerimónia de encerramento em Tóquio.

Foto: © Agência das Nações Unidas para os Refugiados



Tenho que dar graças a Deus pelo facto de pertencer a uma família muito alargada... assim, não vivi o abandono e a solidão denunciados pelo Papa Francisco em relação aos idosos, quantas vezes deixados para trás quando vizinhos e amigos partem de férias. Somos algumas dezenas de

irmãos, sobrinhos e netos que se reúnem em Agosto para conviver numa praia alentejana.

São já quatro as gerações que ali se encontram, e as crianças passam o ano lectivo a sonhar e a fazer planos para estas duas semanas...com a cumplicidade dos avós! A sua imaginação é

infinita, realizam festivais da canção, concursos de talentos, e mesmo um arraial primorosamente organizado onde não faltou um “especialista” em fazer tatuagens e uma adivinha com a respectiva bola de cristal!!! Revelam tanta criatividade e disciplina que os pais se lamentam de não ver essas capacidades aplicadas no tempo escolar.

Infelizmente, as famílias numerosas são cada vez mais raras e as estatísticas recentes falam em inverno demográfico. Parece haver uma queda acentuada no número de nascimentos em Portugal e são decerto muitos os factores que contribuem para tal; mas é essencial conseguir recuperar o sentido de família e a confiança no futuro próximo, acreditando que a situação económica, sendo importante, não pode ser determinante. Juntos, unindo esforços, podemos vencer muitos desafios.

D. António Marto apelou à fraternidade universal para construir “futuro de justiça e de paz”

Cardeal deixou mensagem aos migrantes e refugiados que participaram na peregrinação internacional de agosto, em Fátima.

Carmo Rodeia

O bispo de Leiria-Fátima disse, no final da Peregrinação Internacional de agosto, na Cova da Iria, que a experiência da peregrinação abre portas a uma “fraternidade universal” e apelou à construção de um “futuro de justiça e de paz”.

“Esta peregrinação de migrantes, vindos dos mais diversos povos, é uma experiência viva e concreta da fraternidade universal, multicolor, que todos somos chamados a construir através do intercâmbio da riqueza de povos e culturas, na harmonia e na paz entre todos”, referiu D. António Marto, no final da Missa de 13 de agosto, desde o altar do Recinto de Oração.

O cardeal desafiou os peregrinos a caminhar em conjunto e a “construir juntos um futuro de justiça e de paz” para o planeta.

“Aqui, na Casa da Mãe, sentimo-nos todos irmãos e irmãs, ‘fratelli tutti’, todos irmãos. É belo fazer esta experiência, aqui no Santuário”, acrescentou, evocando a mais recente encíclica do Papa Francisco, sobre a fraternidade e a amizade social.

D. António Marto destacou que a oração do Santuário de Fátima “está ligada à geografia do mundo, quer dizer, a todas as necessidades e problemas dos povos e países de onde partem ou aonde chegam e são acolhidos todos os migrantes e refugiados”.

“A nossa oração é universal e isso torna o nosso coração universal, também”, indicou.

O bispo de Leiria-Fátima confessou particular “encanto, ternura e emoção” pela presença dos migrantes e refugiados que acorrem à Cova da Iria, nesta peregrinação internacional de agosto, ainda marcada pelas limitações da pandemia.

A peregrinação internacional tradicionalmente dedicada aos migrantes foi presidida pelo cardeal Jean-Claude Hollerich, arcebispo do Luxemburgo e presidente da Comissão dos Episcopados Católicos da União Europeia (COMECE), a quem D. António Marto agradeceu.

Os elogios mútuos e a defesa do papel dos migrantes na missão da Igreja

O arcebispo do Luxemburgo, que presidiu pela segunda vez à Peregrinação Internacional Aniversária de agosto, conhecida como a ‘peregrinação dos migrantes’ elogiou o contributo dos migrantes para o desenvolvimento dos países que os recebem e desafiou os peregrinos da Cova da Iria a viver em “espírito de serviço”.

“Caros amigos, portugueses, caros emigrantes, caros refugiados, com as vossas mãos, trabalho, suor do rosto, inteligência, sacrifício das vossas famílias, tendes ajudado a construir a riqueza económica e cultural dos países que, por esse mundo fora, vos acolhem”, disse o cardeal Jean-Claude Hollerich, na homilia da Missa do dia 13 de agosto.

O presidente da celebração evocou o exemplo das famílias portuguesas e convidou todos a “alargar este espírito de serviço”.

“A verdade é que a fé sem espírito de serviço não passa de um sentimento e os sentimentos são passageiros”, advertiu, perante milhares de pessoas que se reuniram no Recinto, seguindo as indicações

de segurança determinadas pelo Santuário de Fátima, devido à pandemia de Covid-19.

O arcebispo do Luxemburgo defendeu que esta mesma atitude de serviço pode ser posta “à disposição da Igreja”, na catequese, no trabalho paroquial, nos ministérios laicais ou na solidariedade.

“São precisas pessoas abertas que favoreçam o acolhimento dos refugiados e migrantes”, exemplificou.

O cardeal luxemburguês assinalou que a religiosidade dos migrantes ajuda uma Europa que “hoje vive longe de Deus”.

Já na noite anterior, na Celebração da Palavra que se seguiu à Procissão das Velas, o cardeal luxemburguês tinha deixado um elogio generalizado à religiosidade portuguesa e um apelo a um compromisso por um mundo “mais justo e mais fraterno”.

“Como cristãos, nós não somos passivos neste mundo. O mundo está-nos confiado pelo Deus Criador, nós devemos fazê-lo frutificar. Isso pode tornar-se num compromisso para com a ecologia, o compromisso por um mundo mais justo, por um mundo mais fraterno”, referiu o

cardeal Jean-Claude Hollerich, na homilia que proferiu, em português, no recinto de oração da Cova da Iria.

“Os grandes compromissos serão válidos se

mostrarem os seus frutos de paz, justiça e defesa do bem comum, na vida concreta do dia a dia”, acrescentou.

O cardeal Hollerich sublinhou o testemunho das mulheres lusófonas que vivem no Luxemburgo.

“O carácter de Maria é semelhante ao carácter de muitas mulheres portuguesas, cabo-verdianas e brasileiras que eu conheço no Luxemburgo. Como Maria são mulheres fortes”, observou, sublinhando que “mantêm a sua família unida”.

“Elas fazem-no pelo seu trabalho. Elas querem assegurar um futuro para os seus filhos. À noite, cansadas, ocupam-se ainda da casa e cozinham alimentos que alegam a alma e o corpo da sua família”, prosseguiu.

A peregrinação de agosto iniciou-se com a recitação do Rosário no dia 12, às 21h30, e a Procissão das Velas, antes da Celebração da Palavra.

No dia 13, às 09h00, houve de novo a oração do Rosário e às 10h00 a Missa, com a tradicional Palavra ao Doente, que foi proferida pela diretora da Obra Católica das Migrações, Eugénia Quaresma; a peregrinação terminou com a Procissão do Adeus.

Esta peregrinação foi o ponto alto da 49.ª Semana Nacional de Migrações, com o tema ‘Rumo a um nós cada vez maior’.

Durante a Missa, os peregrinos rezaram pelas comunidades de portugueses e lusodescendentes, por quem vive as “consequências dramáticas da pandemia” e pelos líderes políticos, “para que evitem o nacionalismo” e abram as sociedades “aos migrantes e refugiados”.

Queda do Muro de Berlim evocada em Fátima



Os peregrinos do Santuário de Fátima evocaram no dia 13 de agosto à noite o Muro de Berlim. O padre Francisco Pereira, capelão da instituição, falou da importância deste momento celebrativo que lembra “os perigos do egoísmo e da guerra”. “O amor de Maria é mais forte que a guerra dos homens”, disse o sacerdote, numa intervenção divulgada pelo Santuário. Os presentes na Cova da Iria viram um rosário feito com pedaços do Muro de Berlim, rezando para que “os muros que separam as pessoas sejam derrubados”. O Muro de Berlim começou a ser construído nesta cidade alemã, na noite de 12 para 13 de agosto de 1961, tendo sido demolido a 9 de novembro de 1989.

Durante a Missa do dia 13 de agosto realizou-se a tradicional entrega de trigo a Nossa Senhora, uma prática iniciada pelos paroquianos de Leira, da Ação Católica, que completou este ano o seu 81.º aniversário.



A despedida

Manuel Arouca | Responsável pelo sector da comunicação social do MMF



Foto: © Eternal Child @Pexels

Lúcia, carregando uma mala, na companhia de Maria Rosa, caminha em direção à estação de comboios. Quando avistam a estação, que se situa ainda a uma boa distância de Fátima, Lúcia pergunta à mãe: “A mãe lembra-se de quando eu vi um comboio pela primeira vez?”

Maria Rosa recorda aquele momento. Estavam na sala da casa da família, em Aljustrel. Carolina e outras irmãs trabalhando no tear. Lúcia, que acabara de entrar, com sua característica vivacidade, foi-lhe contando, após ter visto um comboio: “Vi muitas casas pequenas, a correr umas atrás das outras, sem cavalos nem burros a puxar por elas, com muita gente lá dentro e às janelas, com uma grande chaminé à frente, a deitar fumo e a tocar, pareciam muitos búzios”. Carolina ia abanando a cabeça, não aprovando a descrição. Maria Rosa, indignada, disse: “Que estás tu para aí a dizer? Só te faltava inventar mais essa! Como foste tu ver as casas a andar? De que coisas

te lembras! Não me tornes mais a dizer essas coisas!”

Depois de recordarem aquela memória, ficam próximas da estação, que se vai agitando com a chegada dos passageiros, com as suas malas e acompanhados das respetivas famílias. O comboio vai aproximando-se da estação. Lúcia, que nunca se dá por vencida, determinada, pega no braço da mãe e coloca-a em posição de ter um amplo ângulo para ver o ruidoso comboio a chegar. Lúcia repete, com toda a convicção, enquanto o comboio vai ficando cada vez mais perto da estação: “Vê, vê a chaminé a apitar e a deitar tanto fumo, as casas a correr umas atrás das outras e tanta gente lá dentro?”. Maria Rosa vê as carruagens (as casas) que vão parando, com os passageiros lá dentro, dando essa sensação de muita gente. Maria Rosa dá-se por vencida: “Tens razão, eu nunca tinha visto. Tu disseste a verdade”.

Alguns passageiros vão saindo, dando lugar aos que vão entrando. Maria Rosa, num gesto que não

lhe é habitual, abraça a filha, e o rosto dessa mulher magra, personagem incontornável de Fátima e Aljustrel, transforma-se num mar de lágrimas. É um abraço apertado de uma mãe que ama a filha. Maria Rosa, entre as lágrimas, diz: “Vai, filha, que se é verdade que viste Nossa Senhora, Ela te guardará, mas se mentiste, então vais ser uma desgraçada”. Desprendem-se do abraço. O comboio vai apitando, anunciando a sua partida. Lúcia pega na mala, sobe as escadas, sob o olhar do rosto em lágrimas da mãe. O comboio começa a andar envolto de uma nuvem negra provocada pelo carvão em brasa. Lúcia não descansa enquanto não consegue ganhar espaço numa janela, e, com um lenço, vai acenando para a mãe, que lhe retribui com um adeus. As lágrimas de ambas confluem num mesmo rio. Não sabem quando se vão voltar a ver. A emoção e o amor de mãe e filha sobrepõem-se a todas as divergências. Pode ser uma despedida final.

MOVIMENTO em movimento



Mística da quota do associado do Movimento da Mensagem de Fátima

O Movimento da Mensagem de Fátima é uma associação canónica de fiéis instituída pelos bispos portugueses com o objetivo de levar a mensagem às dioceses e paróquias de Portugal, inclusive Açores e Madeira.

A quota é uma oferta ao Movimento da Mensagem de Fátima, como ajuda à missão que os nossos bispos lhe confiaram.

Os Pastorinhos, São Francisco, Santa Jacinta e Lúcia, os primeiros mensageiros de Nossa Senhora, sempre que se encontravam com crianças pobres, davam-lhes a sua merenda!

Quatro euros por ano não é muito! Diz-se que migalhas também são pão! Não considerem a quota como um imposto, mas como um sacrifício de se privarem de coisas desnecessárias.

Como reconhecimento e gratidão pela oferta de quatro euros por ano, o Movimento oferece o mérito de 930 missas por ano, celebradas pelos mensageiros vivos e falecidos. O mensageiro, após a sua morte, continua a receber os méritos dessas missas. Uma delas é celebrada pelos capelães no Santuário de Fátima. O Movimento, todos os meses, distribui gratuitamente o jornal Voz da Fátima. Diz o ditado popular que quem dá aos pobres empresta a Deus!

Estamos convictos de que os Pastorinhos receberam no Céu uma boa paga pela merenda que davam aos pobrezinhos. Assim, também, os mensageiros que até à sua partida para a eternidade derem a sua quota receberão de Nossa Senhora uma boa recompensa.

Pe. Manuel Antunes

A Senhora das Dores

Padre Dário Pedroso

Associada a seu Filho, Jesus de Nazaré, o Homem das Dores, o Cordeiro Imolado, o Crucificado, a Senhora, Mãe de Jesus e nossa Mãe, foi vivendo um percurso de dores, longo e difícil, de muitos modos e em muitas circunstâncias e diferentes locais, por razões diversas. Tudo começa na Anunciação, na surpresa de Deus na sua vida e no convite do Arcanjo, pois vai guardar silêncio, expor-se a ser abandonada por José, mas sofre em silêncio, esperando que Deus resolva os obstáculos. E resolve, enviando um anjo, em sonhos, a José. Depois a ida, já no final do tempo de gravidez, a viagem para Belém, com incómodos e dificuldades, o andar em busca de um lugar, mas não haver lugar para eles, o ter de dar à luz num curral, ter uma manjedoura para berço. O Coração da Mãe sofreu estas agruras, como hoje tantas mães em campos de refugiados, dando à luz na rua, sem conforto nem ajuda. E logo a seguir, de-

pois da alegria vivida pela visita dos pastores e dos magos, segue-se outra experiência de dor, com a fuga para o Egito, pois Herodes quer matar o Menino Deus. E a vida no Egito, sem saberem a língua, talvez sem casa e sem família, como os refugiados, sem emprego, sem eira nem beira, foi causa de muito sofrimento, até ao regresso a Nazaré.

Itinerário de dor

Mas o itinerário de dor e de tormento da Senhora não terminou. A vida da Mãe de Jesus foi chicoteada por vários vendavais: a perda do Menino no Templo, a busca d’Ele, a aflição de não O encontrar. Depois parece ter ocorrido a morte de S. José, pois nunca mais se fala dele nos Evangelhos. A Mãe ficou só com Jesus, mas Este vai partir para a vida pública e a Senhora, na solidão, na dor de alma, fica só. E durante esta vida pública

Ela segue os passos de Jesus e vai sabendo notícias, e conhece a verdade: algumas vezes O querem matar, outras vezes O perseguem, outras Ele passa necessidades. E a Senhora vai sabendo e sofrendo, vai rezando, vai aceitando. À medida que a vida pública se aproxima do fim, o que a Senhora vê, sabe, ouve, é verdadeira espada de dor, sobretudo naquela difícil e dolorosa Sexta-Feira Santa. Mas não Se revolta, não Se lamenta, não Se foge. Vai estar lá, no Calvário, de pé, junto da Cruz, a olhá-Lo, a sofrer com o fruto bendito do seu ventre, agora Vítima do sacrifício. A Mãe das Dores vive o “sim” mais pleno de amor e de entrega. É a hora de a espada de dor Lhe trespassar a alma e o coração. Ama, aceita, reza, oferece, torna-Se nossa Mãe e Mãe da Humanidade, Mãe da Igreja. Gerar-nos para a graça custou-Lhe muito. Por isso nos ama tanto e cuida de nós sem cessar.

As dores e pecados do mundo

Maria, a Mãe das Dores, não só partilha as dores do Crucificado, mas também vai assumindo as dores de todas as mulheres e mães do mundo, que sofrem por seus filhos, doentes, deficientes, drogados, criminosos, presos. Quantos milhões de corações de mães a sofrer. Mas assume as dores da humanidade, dores das guerras, dos crimes, das injustiças, das violências, dos ódios que ferem e que matam. Guarda tudo e todos em seu Coração Doloroso. Assume a dor dos que morrem de fome, e são milhões, dos que são mortos pelos abortos criminosos, dos que não têm amor, dos presos e dos doentes. Assume todas as dores físicas e morais. Ela é Mãe de todos e sofre por todos. Acolhe-nos a todos no Coração de seu Filho

e no Coração d’Ela. São o nosso refúgio, são oceano de paz e de consolação, de alegria e de graça. E são fonte de graça que converte e que nos salva, que nos alcançam misericórdia e perdão. E o mundo, que tem a alma e o coração doentes, precisa de misericórdia. A Mãe das Dores saberá rezar por nós, alcançar conversão e misericórdia. Ela quer a salvação de todos, a felicidade de todos. O seu Coração reza por nós, nos exorta ao amor divino, à conversão de pecadores, que somos todos, à mudança de costumes que ofendem o amor de Deus. A Mãe e Senhora da Misericórdia quer colocar todos em seu colo e em seu Coração, como fez a Jesus. Vivamos esta certeza para construirmos, com Ela, um mundo melhor, mais fraterno, mais pacífico, mais livre, mais cheio de Deus e do seu amor misericordioso.

Viver a esperança, alimentados pela Eucaristia, à Luz da Palavra

Madalena Antunes

A escuta, sem engano, das Mensagens vindas do Céu levou os Santos Francisco e Jacinta Marto a “caminhar apressadamente”, no cumprimento dos designios de Deus que inundaram de Luz as suas vidas. Pelo seu ser e seu viver, são apresentados como Patronos da Jornada Mundial da Juventude 2023, que terá lugar em Portugal. Há uma linha de pensamento e de caminhada espiritual que é proposta como itinerário de Fé, à Luz da Palavra, e que se reveste de amor ativo e oblativo.

Apraz-nos falar, em primeiro lugar, do Santo Francisco Marto. O pequeno pastorinho desafia-nos a levar a sério as indicações ternas da Senhora mais brilhante que o Sol. A treze de maio, na primeira Aparição de 1917, a Senhora disse aos três Pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta: «Sou do Céu». Lúcia pergunta: «E eu também vou para o Céu?» – «Sim, vais»; «E a Jacinta?» – «Também»; «E o Francisco?» – «Também, mas tem que rezar muitos terços». Cabe notar a resposta pronta de Francisco: «Ó Minha Nossa Senhora, terços rezo tantos quantos Vós quiserdes». E determinou-se

a cumprir com diligência a indicação amorosa da Mãe do Céu. Não houve argumento do pequenito a dizer que era repetitivo, monótono... Conta Lúcia que muitas vezes o ia encontrar sozinho a rezar, enquanto guardavam as ovelhas.

A Oração do Terço foi a primeira indicação da Senhora vestida de branco. Mais tarde, a Senhora disse o seu nome: «Eu sou a Senhora do Rosário». Sim, o Rosário foi apresentado como condição para Francisco ir para o Céu! A Senhora estendeu o pedido para os três (que vale também para nós), dizendo: «Rezem o terço todos os dias para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra». Sim, ficamos a saber algo simples sobre este amoroso convite de oração do terço: é condição para obtermos a graça de Deus como nosso conforto e a proteção do Coração Imaculado de Maria como refúgio e caminho que nos conduzirá até Deus. Tendo em conta a pedagogia da Mãe de Jesus, e a resposta pronta de Francisco, consideramos que a oração do terço deverá ser proposta às nossas crianças e jovens como caminhada catequética!



Deixai vir a Mim as criancinhas Lc 18,16

Padre Manuel Antunes



Na sequência do que temos dito sobre crianças, hoje vamos fazer algumas considerações à luz da Bíblia.

A Bíblia fala-nos da criança 71 vezes; algumas no sentido real, outras em sentido figurado.

Durante a Sua missão apostólica, com frequência apresentavam crianças a Jesus para que lhes impusesse as mãos e rezasse por elas. Os apóstolos, certamente para O aliviarem um pouco, impediam-nas.

Jesus, apercebendo-se, diz: “Não impeçais as crianças de virem a Mim, pois delas é o Reino dos Céus!”. Depois de lhes impor as mãos, seguiu o Seu caminho. Mt 19,15

Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem em Mim, seria preferível que lhe suspendessem ao pescoço a mó dum moinho e o lançassem nas profundidades do mar. Mt 18,6

Jesus pede carinho e respeito pelas crianças e apresenta-as como modelo. Serve-se delas para transmitir ao mundo e à

Igreja algumas mensagens, como aconteceu em La Salette e Lourdes (França), e em Fátima.

Ao falar das crianças, Jesus não refere apenas a idade, mas, sobretudo, ser criança de coração: descer do trono do orgulho, da vaidade e do ter; descer ao pátio da humildade, da simplicidade e do ser.

Voltemos à Bíblia. S. João Evangelista conta-nos, no Diálogo com Nicodemos, Jo - Capítulo 3:

Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos, um chefe dos judeus. Veio ter com Jesus de noite e disse-lhe: “Rabi, nós sabemos que Tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais portentosos que Tu fazes, se Deus não estiver com ele”.

Em resposta, Jesus declarou-lhe: “Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do Alto não pode ver o Reino de Deus”.

Perguntou-lhe Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura poderá entrar no ventre de sua mãe ou-

tra vez, e nascer?”.

Jesus respondeu-lhe: “Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus”.

O Salmo 8, versículo 2, diz: “Da boca das crianças e dos pequeninos fizeste uma fortaleza contra os teus inimigos, para fazer calar os rebeldes”.

Se quisermos ser crianças ao jeito do Evangelho, temos de seguir Jesus não apenas na palavra que nos transmitiu, mas também no testemunho que nos deixou. Ele nos diz: “Vigiai e orai”, Mt 26,41; “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém pode ir ao Pai senão por Mim”, Jo 14,6; “Eu sou manso e humilde de coração”, Mt 11,29.

Jesus não foi apenas criança na manjedoura de Belém, mas criança de Belém ao Calvário! Em Belém, disse: “Eis-me aqui, ó Pai, para fazer a Tua vontade!”, Heb 10,9. E, no Calvário: “Pai, nas Tuas mãos entrego o meu espírito”, Lc 23,46.

Quarta visita temática à exposição temporária apresentou difusores de Fátima

Sónia Vazão, investigadora do departamento de Estudos do Santuário de Fátima, foi a oradora convidada.

Cátia Filipe

Os rostos que difundem a Mensagem foram mote para quarta visita temática à exposição temporária “Rostos de Fátima: fisionomias de uma paisagem espiritual”. Este momento formativo decorreu a 4 de agosto, no Convívium de Santo Agostinho, piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade, e foi conduzido por Sónia Vazão, investigadora do departamento de Estudos do Santuário de Fátima.

O encontro teve como ponto de partida os rostos relevantes da história da Cova da Iria, que impulsionaram o estudo da Mensagem e concretizaram a sua difusão, ao longo do primeiro século de Fátima, depois das aparições.

“Fátima tem uma escala global, e uma implementação e foco em todos os continentes”, começou por afirmar a investigadora, que falou também



da importância do jornal *Voz da Fátima*, que “desde 1922, de forma mensal, permite que aqueles que não se conseguem deslocar à Cova da Iria possam ter acesso à atualidade e ter acesso a artigos com conteúdo relacionado com a Mensagem de Fátima”.

Outro aspeto que contribuiu para a globalização do fenô-

meno Fátima, “foi sem dúvida a especial ligação dos Papas a Fátima, pelo olhar especial que os Papas lhe têm dado ao longo destes 100 anos, tem um impacto que extravasa as fronteiras da Igreja portuguesa”, defendeu a oradora, que também sublinhou o “importante contributo para a globalização” desempenhado pelos bispos da diocese

de Leiria, “pela correspondência que tiveram com inúmeros devotos, outros pela divulgação do acontecimento”.

As viagens da Imagem de Nossa Senhora que se venera na Capelinha das aparições, apenas por 12 vezes em contextos pastorais, “ajudaram igualmente ao sucesso das viagens da Virgem Peregrina a partir de 1947, uma vez que não era apenas uma deslocação física”.

Sónia Vazão recordou que entre 1947 e 1955 a Imagem Peregrina fez 5 viagens com 5 itinerários e percorreu 5 continentes, “levando uma mensagem de paz, numa altura em que o mundo recuperava das feridas de uma guerra mundial, teve um impacto importante”.

A exposição “Rostos de Fátima: fisionomias de uma paisagem espiritual” pode ser visitada presencialmente até 15 de outubro de 2022.

Encontros na Basílica abordaram o tema: “O caminho que te conduzirá até Deus”

A Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima acolheu, a 5 de setembro, a terceira edição dos “Encontros na Basílica” deste presente Ano Pastoral, onde o padre Rui Ruivo, presbítero da diocese de Leiria-Fátima, “apontou um caminho de conversão e encontro com Deus possível para qualquer um”, a partir da vida dos Santos Francisco e Jacinta Marto e do episódio do encontro de Jesus com Zaqueu.

No encontro, o sacerdote refletiu sobre a necessidade da mudança para alcançar a “alegria do encontro com Deus”, que “vem ao nosso encontro, que nos toca na situação em que nos encontramos, pequenos, frágeis, pecadores”.

Rui Ruivo é diretor do Seminário em Família, do Centro de Cultura e Formação Cristã, e também do Serviço da Pastoral do Ensino Superior de Leiria-Fátima

O encontro encerrou com um recital a cargo do organista Davide Barros, que interpretou peças de Johann Sebastian Bach; Olivier Messiaen; Camille Saint-Saëns e Léon Boëllmann.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

De harmonia com a longa tradição da estética cristã, é De harmonia com a longa tradição da estética cristã, é comum ouvirmos um elogio à luz. «Deus é luz», diz a teologia joanina «nele não há trevas» (1Jo 1,5). A sombra é tida, normalmente, como uma espécie de trevas, lugar da ausência de luz, e como tal, sinónimo da lonjura de Deus, de perdição e de desolação. Mas talvez não seja sempre, nem necessariamente assim.

Também a sombra, criada por Deus, nos fala de Deus, exatamente porque não fala. É o silêncio da sombra que nos aponta para Deus. Neste sentido, refere-se o Papa Francisco a São José como «pai na sombra», na sua recente Carta Apostólica, Com coração de pai.

A sombra é o vestígio míni-

Como a sombra

mo de algo ou de alguém que não está imediatamente visível a nossos olhos. Ela evoca a presença do que está ausente, e isto sem detalhes acessórios. Há nesta sobriedade uma enorme descrição. A sombra é silenciosa, não dá nas vistas, não chama a atenção, não se impõe, é reservada. Há na sombra uma redução ao essencial, um abaixamento e esvaziamento da forma, uma espécie de kenosis. A sombra não é opaca, ela é transparência de outro; sinaliza um corpo, sendo ela própria é incorpórea. A sombra tem um carácter imaterial e efémero; desvanece-se, lembrando-nos que todas as coisas sob o sol são transitórias e finitas. Assim, a sombra aponta para a morte, mas não necessariamente como perdição. Pelo contrário, remetendo para a morte, ela aponta para aquele que é o Senhor da vida e da morte, o próprio Deus, único que não passa.

Diz o Papa Francisco na sua Carta Apostólica que São José deve ter sido para Jesus como uma sombra, imagem do Pai Celeste, porque ele amava como

Ele, com um amor casto. A castidade «é a síntese duma atitude que exprime o contrário da posse. [...] é a liberdade da posse em todos os campos da vida. Um amor só é verdadeiramente tal, quando é casto. O amor que quer possuir, acaba sempre por se tornar perigoso: prende, sufoca, torna infeliz. O próprio Deus amou o homem com amor casto, deixando-o livre inclusive de errar e opor-se a Ele.» Quem ama, porque ama e deseja a vida e a liberdade do amado, escolhe ficar na sombra, para não fazer sombra ao outro; assume antes morrer e suportar o vazio, a possuir o outro para preencher o seu próprio vazio.

Podemos ver na sombra, então, o símbolo do sacrifício de Cristo, manifestação maior do amor de Deus. Quando, nas nossas relações, somos capazes de realizar, como Cristo, este «sacrifício da sombra», são certamente também para a nós as palavras que Maria disse aos três Pastorinhos em 13 de setembro: «Deus está contente com os vossos sacrifícios».

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima



Rússia e a metáfora dos regimes ateus

A consagração da Rússia é um dos temas da mensagem que ligam Fátima ao Papa, sobretudo se olharmos para os insistentes pedidos de Lúcia em todos os pontificados de Pio XII e João Paulo II e olharmos, sobretudo, para este pontificado e fizermos a sua leitura política. Não no sentido partidário e político, mas no que respeita ao alcance religioso e à defesa da liberdade humana..

Carmo Rodeia

Em julho de 2017, no ano do centenário das aparições, Fátima recebeu pela primeira vez uma peregrinação nacional da Rússia, liderada pelo bispo de Moscovo e participada por 27 prelados da Rússia e de outros países, antigas repúblicas da antiga União Soviética, num total de 6.300 peregrinos, integrados em 140 grupos.

A peregrinação a 14 de julho foi considerada pelo bispo de Leiria-Fátima, cardeal D. António Marto, como uma visita histórica, “num dia memorável”. E, de facto, tinha razão pois a Rússia, símbolo maior da emergência de regimes de ateísmo militante à época das aparições, apostados na aniquilação da religião, vista frequentemente como o “ópio do povo”, é uma parte relevante do Segredo de Fátima, aludindo a um significado que vai muito para além de uma interpretação estritamente política, circunstanciada no espaço e no tempo.

O tema não é pacífico. Nos primeiros interrogatórios, os videntes não falam da questão da Rússia, até porque a revolução bolchevique só aconteceria dias depois da última aparição de outubro.

É em Tuy, já em 1929, que Lúcia refere pela primeira vez a questão da “conversão” da Rússia, escrevendo sobre ela nas suas memórias a partir de 1935. Nessa altura a União Soviética era, de facto, um problema para os cristãos devido às perseguições que os novos líderes, promotores da ideia do ‘homem novo’, estavam a desenvolver. Aliás, as primeiras alusões da vidente à questão da Rússia, feitas ainda oralmente, tinham como cenário a fase mais aguda das perseguições desencadeadas na União Soviética por Estaline, após o início da sangrenta coletivização da agricultura. Em 1927 tinha sido desencadeada uma guerra sem tréguas à religião, sobretudo aos cristãos ortodoxos, cuja influência no mundo rural era grande e contra a qual Estaline se insurgia. Esta tensão estendeu-se igualmente aos

cristãos católicos que foram perseguidos de tal forma que o próprio Papa Pio XI decidiu suspender as relações entre os líderes soviéticos e o Vaticano. Em 1930, este Papa proclamou solenemente uma “maratona” de oração, à escala mundial, pelos cristãos russos perseguidos e pela salvação da Rússia.

É bom de ver que face aos acontecimentos políticos de

outubro de 1917 na Rússia, e aos que se lhes seguiram nos anos subsequentes, a religião viveu tempos difíceis no Leste europeu, com uma tensão entre a Rússia e o Vaticano mas também entre as duas igrejas católica e ortodoxa, ambas proscritas pelo regime emergente.

Por isso, a questão da conversão da Rússia deve ser vista numa perspetiva mais ampla,

aquela que atravessa todo o coração da mensagem, isto é, o drama do ateísmo, como uma das causas mais evidentes das “desgraças” da humanidade, a par da questão da incredulidade que impede um desejo genuíno de conversão. Há, assim, duas dimensões neste pedido de conversão da Rússia que podem ter uma leitura mais política, mas que tem seguramente uma leitura eminentemente teológica: a ausência de Deus, qualquer que seja a sua causa, é um mal para a humanidade. Daí que este apelo à conversão seja tão insistente e ecoe com tanta acuidade em João Paulo II, um Papa de leste onde estes regimes, sob a égide de Moscovo, mais influência alcançaram.

Aliás, Jorge Peixoto Coutinho, na Enciclopédia de Fátima, afirma que à luz de vários acontecimentos é João Paulo II que “compendia em si e no seu pontificado boa parte do cumprimento das profecias referentes ao comunismo, confirmando a sua veracidade”.

“Papa mariano, usando a divisa *Totus Tuus* referida a Maria, vindo do Leste martirizado pelo poder comunista, sofreu os seus males antes e depois de ser Papa. Foi vítima de um atentado a 13 de maio de 1981, ao que tudo indica por ordem do poder soviético, interpretando a salvação da sua vida como mão da obra protetora da Virgem de Fátima e sentindo-se pessoalmente visado pelo segredo. Por três vezes peregrino do seu Santuário, e tendo várias vezes falado com Lúcia, a João Paulo II se deve, em grande medida, ao mesmo tempo que uma maior difusão do fenómeno e da mensagem de Fátima, a derrocada do comunismo na Europa (1989) e com isso, pelo menos no plano político, mas também com incidências no plano religioso, parece, a conversão da Rússia e, nessa medida, o profetizado triunfo do Imaculado Coração de Maria e algum tempo de paz”, refere no citado artigo intitulado “Comunismo” (páginas 125 a 127).



Papa João Paulo II com Lúcia de Jesus, numa das visitas a Fátima.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva

A paz e a liberdade religiosa



É afegã, tem 26 anos e chama-se Fátima. A coincidência do nome sugere a este espaço da Voz da Fátima sobre a paz e a liberdade religiosa contar algo dos recentes dias da sua família. Pertence ao reduzidíssimo número de católicos afegãos – poucas centenas no país onde existe uma única igreja católica, no recinto da embaixada de Itália em Kabul. Levado o pai pelos talibãs após serem denunciados como católicos, foi Fátima quem liderou o complexo processo da fuga familiar.

Antes, quando mais se tornou impossível, pediu ao seu contacto italiano que lhes fizesse chegar gravações de celebrações religiosas católicas. A sua avó, Asima, diz: “Reuniamos-nos em segredo e seguíamos-las com grande atenção, eram a nossa única possibilidade de professar a nossa fé”.

Agora em Roma, Fátima testemunha sobre o tempo que a família passou escondida numa cave: “De noite, acordo com os pesadelos. Naqueles quatro dias vimos o fim avizinhar-se, a cada mínimo rumor ficávamos aterrorizados. Se penso no risco que corremos, não consigo respirar”.

Torna-se difícil respirar quando a violência e a total ausência de liberdade religiosa se entrelaçam num regime político totalitário e extremista. Asima, agora exilada, contrapõe o que lhe inspira a sua fé de cristã das catacumbas de Kabul: “Para nós é importante o respeito, o perdão”.

Fiquem a terminar, as palavras do padre Giovanni Scalese, superior da missão católica do Afeganistão, instituída por São João Paulo II em 2002: “Rezem, rezem, rezem pelo Afeganistão”. Nelas ecoam as que em Fátima foram tantas vezes pronunciadas pela Senhora: “Rezai para alcançar o fim da guerra e a paz para o mundo”. E ecoa também a terceira parte do segredo, o martírio da Igreja.

O padre José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Visita da Virgem Peregrina de Fátima ao Cáucaso adiada devido à situação sanitária na região

O aumento do número de casos de Covid-19 e as restrições de mobilidade estão na origem do adiamento da visita que estava prevista para a Geórgia, Azerbaijão e Arménia, de setembro a outubro.

Carmo Rodeia

A visita da Imagem nº 2 da Virgem Peregrina de Fátima ao Cáucaso foi adiada para uma data mais oportuna, ainda não definida, devido à emergência sanitária que se verifica nesta região do Mundo.

O aumento do número de casos de Covid-19, nomeadamente o número de mortes e as consequentes restrições de mobilidade na zona, levaram os responsáveis das dioceses locais a adiar esta visita “tão esperada e desejada” como refere o Núncio Apostólico, o arcebispo D. José Avelino Bettencourt numa carta enviada ao Reitor do Santuário.

“É com imenso embaraço que venho participar esta realidade, pedindo desculpa pela situação e que seja concedida uma futura data para a muito desejada visita da Imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima à região” afirma o representante da Santa Sé no Cáucaso e promotor da iniciativa.

“Proporemos uma ulterior data apenas quando as condições melhorarem” refere ainda.

Na Geórgia, país com 3,5 milhões de habitantes regista-se uma média de 50 vítimas por dia e no Azerbaijão as fronteiras encontram-se fechadas, com muitas limitações de circulação.

A Imagem da Virgem Peregrina de Fátima deveria visitar o Azerbaijão, país de maioria muçulmana, de 20 a 27 de setembro. Seguir-se-ia a Geórgia, de 28 de setembro a 14 de outubro e finalmente a

Arménia, país berço do cristianismo no mundo de 15 a 31 de outubro.

A Imagem deveria passar pelas paróquias e comunidades católicas dos três países, onde já decorria uma preparação com catequeses e celebrações alusivas à mensagem de Fátima, com uma intenção específica “de reconciliação e de paz”, numa zona onde permanecem congelados vários conflitos, alguns reacesos no decurso do ano passado, que ameaçam a estabilidade e a segurança de toda a região.

Esta viagem é para o Santuário de Fátima, também, muito importante dado que se trata de uma região do continente europeu fustigada, há muitos anos, por guerras e graves crises políticas.

A Arménia, primeiro país a proclamar o Cristianismo como sua religião no longínquo ano de 301, está envolvida numa guerra com o vizinho Azerbaijão desde 1989 e estes dois países precisam de paz e de uma reconciliação que tarda em chegar.

Os apelos à paz e conversão que brotam de Fátima, assumem especial atualidade nesta região, ainda instável, e com feridas abertas causadas pelo mais recente conflito fronteiriço sobre Nagorno-Karabakh, que opõe a Arménia cristã ao Azerbaijão muçulmano. E o mesmo se diga da Geórgia, maioritariamente ortodoxa, a braços com revoltas independentistas nas regiões de Ossétia do Sul e Abkhazia.



AGENDA

setembro

18 sáb	MISSA VOTIVA DOS SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO
21 ter	SÃO MATEUS, APÓSTOLO E EVANGELISTA - FESTA
29 qua	SÃO MIGUEL, SÃO GABRIEL E SÃO RAFAEL, ARCANJOS - FESTA

outubro

2 sáb	PRIMEIRO SÁBADO, MISSA VOTIVA DO CORAÇÃO IMACULADO DA VIRGEM SANTA MARIA
4 seg	SÃO FRANCISCO DE ASSIS - MEMÓRIA
6 qua	VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “As celebrações de Fátima: rosto visível da comunidade orante” 21h15 Convívium de Santo Agostinho
7 qui	VIRGEM SANTA MARIA DO ROSÁRIO - FESTA



Quarta Aparição evocada a 19 de agosto

O Santuário de Fátima fez memória da quarta aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos nos Valinhos. Na celebração decorrida a 19 de agosto, presidida por D. Manuel Felício, bispo da diocese da Guarda, foram igualmente lembrados os peregrinos daquela diocese, que em circunstâncias normais fariam neste dia a sua peregrinação diocesana à Cova da Iria.